

RENCONTRO
literatura

Alexandre Dumas Filho

A Dama das Camélias

Adaptação em português de
Carlos Heitor Cony

Ilustrações de
Laura Cardoso



editora scipione

Gerente editorial
Sâmia Rios
Assistente editorial
José Paulo Brait
Roteiro de trabalho
Rosana Correa Pereira El-Kadri

Revisores
Mariana de Lima Albertini
Cesar G. Sacramento
Nair Hitomi Kayo

Coordenadora de arte
Maria do Céu Pires Passuello

Diagramadores
Ana Lucia C. Del Vecchio
Jean Claudio Aranha

Programador visual de capa e miolo
Didier D. C. Dias de Moraes



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br
e-mail: atendimento@aticascipione.com.br

2019

ISBN 978-85-262-7667-3

CL: 737106
CAE:248172

2.ª EDIÇÃO
6.ª impressão

Impressão e acabamento

Adaptado do original francês:
La Dame aux Camélias. Paris:
Gallimard, 1999.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cony, Carlos Heitor

A Dama das Camélias / Alexandre Dumas Filho; adaptação em português de Carlos Heitor Cony; ilustrações de Laura Cardoso. – São Paulo: Scipione, 2002. (Série Reencontro literatura)

Título original: La Dame aux Camélias

1. Literatura infantojuvenil I. Dumas Filho, Alexandre, 1824-1876. II. Cardoso, Laura. III. Título. IV. Série.

02-5266

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



SUMÁRIO

<i>Quem foi Alexandre Dumas Filho?</i>	5
Capítulo 1	7
Capítulo 2	10
Capítulo 3	14
Capítulo 4	16
Capítulo 5	21
Capítulo 6	26
Capítulo 7	31
Capítulo 8	37
Capítulo 9	43
Capítulo 10	48
Capítulo 11	55
Capítulo 12	62
Capítulo 13	67
Capítulo 14	73
Capítulo 15	79
Capítulo 16	83
Capítulo 17	89
Capítulo 18	94
Capítulo 19	99
Capítulo 20	104
Capítulo 21	108
Capítulo 22	114
Capítulo 23	119
Capítulo 24	125
Capítulo 25	133
Capítulo 26	137
Capítulo 27	146
<i>Quem é Carlos Heitor Cony</i>	147

QUEM FOI ALEXANDRE DUMAS FILHO?

Escritor e dramaturgo francês, nasceu em Paris, em 1824. Filho de Alexandre Dumas, obteve grande sucesso com seu romance *A Dama das Camélias*, escrito em 1847 e encenado em 1852.

A partir de então, com o êxito alcançado por esse trabalho, Dumas Filho passou a dedicar-se a produções teatrais que focalizavam a moral da época, destacando os problemas decorrentes das relações amorosas e os preconceitos de uma sociedade burguesa e hipócrita. Apresentou, sucessivamente, as seguintes peças: *Le demi-monde* [A prostituta] (1855), *La question d'argent* [A questão do dinheiro] (1857), *Le fils naturel* [O filho natural] (1858), *Le père prodigue* [O pai pródigo] (1859), *L'ami des femmes* [O amigo das mulheres] (1864), *Les idées de Madame Aubray* [As ideias de Madame Aubray] (1867), *Une visite de noces* [Uma visita de núpcias] (1871), *La princesse de Bagdad* [A princesa de Bagdá] (1881), *La femme de Claude* [A mulher de Claude] (1873), *Monsieur Alphonse* (1873), *L'étrangère* [A estrangeira] (1876), *Denise* (1885) e *Francillon* (1887).

Alexandre Dumas Filho morreu em Marle-le-Roy, em 1895.



Capítulo 1

Só podemos criar personagens quando já vivemos o suficiente para conhecer bem os homens. Ainda não tenho idade para inventar, por isso limito-me a contar.

Garanto ao leitor que esta história é verdadeira. Mais: todos os personagens, exceto a principal, ainda vivem.

Em Paris, há até testemunhas da maior parte dos fatos que vou relatar. O que me difere delas é que somente eu posso escrever esta história de forma completa, porque a conheço em todos os detalhes.

Era 12 de março de 1847. Ao passar pela rua Laffitte, li, num grande cartaz amarelo, o anúncio de um leilão de móveis e objetos valiosos por conta de um espólio. O cartaz não trazia o nome da pessoa morta, apenas o endereço onde ocorreria a venda dos bens, a data e o horário: rua d'Antin, nº 9, dia 16, do meio-dia às cinco da tarde. Além disso, informava que nos dias 13 e 14 se poderiam ver os móveis.

Sempre gostei de curiosidades. No dia seguinte, fui ao local anunciado. Era cedo, mas já havia alguns e mesmo algumas visitantes. Essas, embora bem vestidas, olhavam com espanto e admiração o luxo que saltava aos olhos.

Mais tarde, compreendi tamanha admiração e espanto. Tratava-se do apartamento de uma cortesã, mulher sustentada por um amante. E se há coisa que as damas da sociedade desejam ver é o interior da casa dessas mulheres e saber como viviam.

Uma delas morrerá. Agora, as mais virtuosas senhoras podiam entrar em seu quarto. A morte purificara o ar daquele bordel particular. Podiam procurar, no meio de todas aquelas maravilhas, os traços da vida de uma prostituta bem-sucedida. Tinham como desculpa o fato de o leilão ter sido anunciado sem a revelação de quem falecera.

Além do mais, havia muito o que arrematar. A mobília era magnífica. Móveis de pau-rosa e do conceituado decorador da época, André Boulle; vasos de cerâmica vermelha envernizada, produzida na região francesa de Sèvres, e da China; estatuetas da Saxônia, região da Alemanha famosa por suas cerâmicas e porcelanas; cetim; veludo e rendas, não faltava nada.

Olhei o aposento e segui as madames que haviam chegado antes de mim. Entraram num quarto forrado de tecidos persas. Quando eu também ia entrar, elas saíram quase que imediatamente, sorrindo e como se tivessem vergonha do que tinham visto. Isso despertou ainda mais minha curiosidade. Era a alcova onde supostamente ocorreram, no mais alto grau, os excessos sexuais daquela vênus de aluguel.

Sobre uma mesa de mais ou menos um metro de largura por dois de comprimento, encostada à parede, brilhavam todos os tesouros dos célebres joalheiros Jean Leon Aucoc e Jean-Baptiste Claude Odier. Esplêndida coleção, que, todavia, só poderia ter sido feita aos poucos e, com certeza, com a colaboração de diversos homens.

Deus fora piedoso com a falecida. Não permitira que fosse atingida pelo castigo. Deixou-a morrer no seu luxo e beleza, antes da velhice, a primeira morte das cortesãs.

Enquanto contemplava todas as maravilhas daquele aposento, mergulhei em pensamentos sobre a vida dessas mulheres. Algum tempo se passou. Quando dei por mim, estávamos

ali somente eu e um guarda que, da porta, examinava com atenção se eu não roubava alguma coisa. Aproximei-me dele.

— Por favor, como se chamava a pessoa que morava aqui?

— A senhorita Marguerite Gautier.

Eu conhecia a moça de nome e de vista.

— Como?! — disse ao guarda. — Marguerite Gautier morreu?

— Sim.

— E quando isso aconteceu?

— Há três semanas, creio.

— E por que é permitido visitar o aposento?

— Os credores acharam que isso poderia aumentar os lances. As pessoas podem ver o efeito causado pela decoração e pelos móveis, o que estimula a compra.

— Ela tinha dívidas?

— Oh! senhor, e quantas!

— Mas, naturalmente, as vendas devem cobri-las, não?

— E ainda vai sobrar.

— E o resto vai ficar para quem?

— Para a família.

— Então ela tem família?

— Ao que parece.

— Muito obrigado, senhor.

“Pobre moça!”, pensava eu no caminho para casa. “Ela deve ter morrido triste, pois, no seu mundo, só se tem amigos quando se está bem.” E, sem querer, passei a ter pena de Marguerite Gautier, assim como tinha de outras cortesãs.

Talvez isso pareça ridículo para muitos, mas tenho uma indulgência inesgotável por esse tipo de mulheres e nem me dou ao trabalho de discuti-la.



Capítulo 2

Como já disse, o leilão estava marcado para o dia 16. Naquela época, eu estava voltando de viagem. Era muito natural que não me dessem a notícia da morte de Marguerite. Quanto mais a vida de mulheres como ela dá o que falar, menos divulgada é sua morte. Se ainda jovens, a notícia é espalhada apenas para seus amantes. Em Paris, quase todos convivem intimamente. Assim, trocam-se algumas lembranças a seu respeito e a vida continua.

Quanto a mim, não era o caso de eu ser avisado. Minha condição financeira não me habilitara a ter qualquer participação nos tesouros daquela alcova. Mas a indulgência instintiva que tenho pelas cortesãs me fazia pensar em sua morte mais tempo talvez do que o merecido.

Lembrava-me de ter encontrado Marguerite várias vezes nos Champs-Élysées, aonde ela sempre ia todos os dias numa pequena carruagem fechada azul, de quatro rodas, atrelada a dois magníficos cavalos baios. Notara a distinção pouco comum às suas semelhantes, distinção que realçava ainda mais uma beleza realmente excepcional.

Chegava sempre sozinha. Não passeava a pé pelo *roind point*¹ até a entrada dos Champs-Élysées, como fazem e faziam todas as suas colegas. Seus dois cavalos levavam-na rapidamente ao bosque. Lá, ela descia da carruagem, andava durante uma hora e, então, voltava para casa.

Era impossível ver uma beleza mais encantadora. Alta, exageradamente magra, ela possuía a arte de esconder essa magreza pela simples combinação do que vestia.

A cabeça era pequenina, com o rosto em forma ovalada.

¹ Rotatória (Nota do Editor).

Ponham uns olhos negros encimados por sobrancelhas de um arco tão perfeito que parece pintado; cubram esses olhos com grandes cílios que, ao se baixarem, projetam sombra sobre a tez rósea das faces; tracem um nariz fino, reto, místico, de narinas um pouco abertas por uma aspiração ardente à vida sensual; desenhem uma boca regular, com lábios que se abrem graciosamente sobre dentes brancos como leite; deem à pele o colorido do veludo que cobre os pêssegos, jamais tocados por mão alguma, e terão o conjunto dessa encantadora cabeça.

Os cabelos negros, naturalmente ondulados ou não, abriam-se na fronte em duas grandes mechas e perdiam-se na nuca, deixando ver um pouco das orelhas em que sempre brilhavam dois diamantes.

Era impressionante, e mesmo incompreensível, como o rosto de Marguerite conservara a expressão virginal, até infantil, apesar da vida intensa.

Ela tinha um maravilhoso retrato seu, feito pelo pintor Vincent Vidal. Tive tal quadro à minha disposição, durante a visita que fiz à rua d'Antin, nº 9. Era tão espantosa a semelhança com o modelo, que dele me aproveitei para compreender alguns detalhes que desconhecia ou conhecia superficialmente.

Marguerite assistia a todas as estreias teatrais e passava todas as noites nos espetáculos ou nos bailes. Sempre com três coisas que nunca a deixavam, ocupando constantemente o peitoril da sua frisa: o binóculo, um saco de balas e um buquê de camélias.

Durante vinte e cinco dias de cada mês, as camélias eram brancas, e nos outros cinco, vermelhas. Nunca se soube a razão dessa variedade de cores, que, como eu, também os amigos e os frequentadores dos teatros haviam reparado.

Jamais se vira Marguerite com flores que não fossem camélias. Por isso, na loja da sua florista, a senhora Berjon, era conhecida como a Dama das Camélias. E o apelido ficou.

Eu sabia que Marguerite havia sido amante dos jovens mais ricos e elegantes de Paris. Ela mesma admitia isso altivamente, e eles próprios se gabavam dessa condição.

No entanto, havia cerca de três anos, desde uma viagem a Bagnères, ela só vivia — diziam — com um velho duque estrangeiro, muitíssimo rico e que tentara tirá-la da sua vida passada, a que ela pareceu resignar-se sem maiores problemas.

Na primavera de 1842, Marguerite estava tão mudada, tão fraca dos pulmões que os médicos lhe recomendaram passar uma temporada numa estação de águas. Então, ela partiu para Bagnères.

Lá estava a filha do tal duque, que tinha não somente a mesma estafa, já tendo contraído a tuberculose, mas o mesmo rosto que Marguerite, a ponto de poderem ser tomadas como irmãs. A jovem duquesa estava no estágio terminal da doença e morreu poucos dias depois da chegada da outra.

Certa manhã, o duque, que ficara em Bagnères, caminhava numa alameda do parque, quando vislumbrou a filha, na figura de Marguerite. Andou em sua direção, tomou-lhe as mãos, abraçou-a chorando e, sem perguntar-lhe quem era, implorou a permissão para vê-la e para nela amar a imagem viva da filha morta.

Marguerite cedeu ao pedido do duque. Até que foram adverti-lo da verdadeira condição da senhorita Gautier. Foi um golpe para ele. Acabava a semelhança com a filha. Mas era tarde demais. A moça tornara-se uma necessidade ao seu coração, o seu único pretexto, a sua única desculpa para continuar vivendo.

O duque não fez censura alguma a Marguerite. Mas perguntou se ela era capaz de mudar de vida. Em troca, ofereceu-lhe todas as compensações que pudesse desejar. A jovem prometeu que sim.

Realmente, as águas, os passeios e o sono quase a restabeleceram. Ao fim do verão, ela voltou a Paris. O duque a acompanhou e continuou a vê-la como em Bagnères.

Essa ligação, cuja verdadeira origem e motivo ninguém sabia, causou enorme sensação. O duque, até então conhecido por sua fortuna, agora se fazia notar por seus excessos. Supôs-se tudo, menos a verdade.

O sentimento de pai que o duque tinha por Marguerite impedia qualquer outra relação. Ele nunca dissera a ela uma palavra que não diria à própria filha.

Enquanto esteve em Bagnères, a moça não teve dificuldade de cumprir a promessa feita ao duque. É preciso lembrar que, naquela época, ela estava doente. De volta a Paris, no entanto, a solidão imposta por esse acordo, que aquele homem fiscalizava em visitas periódicas, começou a lhe dar a impressão de que morreria de tédio. Lembranças de seu passado tornaram-se recorrentes. Além disso, Marguerite voltara da viagem mais linda do que nunca, apesar de não se ter curado completamente da doença.

Os amigos do duque, que a vigiavam dia e noite, em busca de um escândalo, não demoraram a contar-lhe que Marguerite recebia visitas quando o sabia fora da cidade. E que tais visitas se prolongavam até o dia seguinte.

Interrogada pelo duque, ela confessou a verdade e o aconselhou a parar de se preocupar com ela, pois não se sentia capaz de honrar os compromissos assumidos.

O duque ficou oito dias sem aparecer. No nono dia, veio suplicar a Marguerite que continuasse a recebê-lo, prometendo-lhe aceitá-la como ela era. Isso foi em novembro ou dezembro de 1842.



Capítulo 3

No dia 16, à uma hora, fui ao número 9 da rua d'Antin. Do portão ouviam-se os gritos dos leiloeiros. O apartamento estava cheio de curiosos. Muitas das pessoas ali reunidas mostravam-se espantadas por se verem juntas. Entre as mulheres que lá se encontravam, havia várias conhecidas de Marguerite, que não pareciam lembrar-se disso. Ria-se muito; os leiloeiros gritavam, e os comerciantes tentavam impor silêncio para fazer os seus negócios tranquilamente. Nunca vi uma reunião mais variada e ruidosa.

Insinuei-me humildemente no meio daquele tumulto. Estava ali mais para assistir do que para comprar. Vestidos, xales de casimira, joias, tudo era vendido com uma rapidez inacreditável. Nada daquilo me convinha, e eu continuava esperando alguma coisa que me interessasse.

De repente, ouvi gritarem:

— Um livro, luxuosamente encadernado, com filetes de ouro, intitulado *Manon Lescaut*, obra do escritor Abbé Prévost. Há alguma coisa escrita na primeira página. Dez francos.

— Doze — disse uma voz depois de algum tempo.

— Quinze — eu disse, sem saber por quê. Provavelmente por causa do que estaria escrito na primeira página.

— Quinze — repetiu o leiloeiro.

— Trinta — exclamou o primeiro arrematante, num tom que parecia desafiar qualquer outro lance.

Aquilo estava se tornando uma luta.

— Trinta e cinco! — gritei, então, no mesmo tom.

— Quarenta.

— Cinquenta.

— Sessenta.

— Cem.



Confesso que, se quisesse causar sensação, teria obtido um êxito completo. Aquele lance produzira um silêncio total, e as pessoas me olharam para saber quem parecia tão decidido a possuir aquele livro.

A entonação dada ao meu último lance convencera meu antagonista: ele preferiu abandonar a disputa, que só servira para me obrigar a pagar dez vezes o valor do livro. Curvando-se em minha direção, disse graciosamente, embora um pouco tarde:

— É seu, senhor.

Como ninguém dissera mais nada, o livro me foi entregue.

Temendo um novo pregão que o meu amor-próprio talvez sustentasse, mas que meu bolso não suportaria, deixei meu nome com o leiloeiro, apanhei o livro e saí do salão. Devia ter causado perplexidade a todos. Pagara cem francos por um livro que poderia obter em qualquer outro lugar por dez ou quinze, no máximo.

Examinei a minha compra. Na primeira página estava escrita à pena, e com uma caligrafia elegante, a dedicatória:

Manon a Marguerite,

Humildade.

Estava assinada: *Armand Duval*

Que queria dizer esta palavra: humildade? Saí e só tornei a pensar no livro à noite, quando me deitei.

Manon Lescaut é uma história de amor em que não há um só detalhe que eu não conheça. Quando tenho o livro nas mãos, minha simpatia por ele aumenta. Eu o abro e pela centésima vez revejo a heroína de Abbé Prévost. É tão verdadeira que tenho a impressão de que a conheci. Agora, a comparação entre ela e Marguerite dava-me um atrativo inesperado à leitura, e ao meu interesse juntou-se piedade, quase amor, pela moça de cuja herança eu retirara o volume.

É verdade que Manon morrera num deserto, porém nos braços do homem que a amava, enquanto Marguerite morre-